



Biologia In Situ Podcast

BIONEWS 001 – O PANTANAL, A JARARACA E A VERGONHA DA PROFISSÃO

[som de corte] [pássaro cantando] [vento]	
Renata	Prefeito de cidade no sertão pernambucano, que atraiu caçadores de meteoritos após chuvas de pedras pede ajuda ao estado.
Ricardo	Genocídio indígena na era da COVID-19.
Renata	Médica é picada por cobra durante banho em cachoeira e passa dias na UTI em Mato Grosso.
Ricardo	"Não tem nada fixo e não sei como vai ser amanhã" diz biólogo com pós-doutorado no Reino Unido.
Renata	Pantanal tem o segundo maior número de queimadas para agosto desde o início das medições. Enquanto isso, focos detectados na Amazônia superam média histórica.
Ricardo	Tudo isso hoje no Bionews!
carro buzinando] [sirene tocando]	
Cafeína	Você está ouvindo Biologia In Situ Podcast
[queda d'água]	





Biologia In Situ Podcast

Cafeína	Porque todas as estradas levam à Biologia!
[pássaro cantando] [vento]	
Renata	Prefeito de pequena cidade pacata no sertão pernambucano precisou pedir ajuda ao estado após inúmeros caçadores de meteoritos nacionais e internacionais interessados em pedras que caíram do céu no sertão, em 19 de agosto, chegarem à cidade e logo lotarem os estabelecimentos de hospedarias. Enquanto isso, pesquisadores que chegaram posteriormente ao local se disseram desesperados, pois além das hospedarias já estarem lotadas de caçadores irregulares e ilegais, eles não sabiam qual o valor exato das pedras e nem se poderiam levar para estudos e museus.
Ricardo	Olha, não ter uma legislação municipal eu até entendo, mas não ter uma estadual ou federal para dar limites para esse assunto é demais, porque está acontecendo um mercado negro de meteoritos. Tráfico mesmo! As pessoas estão vindo de outros países, comprando uma coisa que é bem público que deveria ser da união e estão levando embora. Isso devia estar em museu, gerando pesquisa e está sendo levado embora do país.
Renata	Sem contar, Ricardo, que esse é um comércio de mercado negro milionário. Então, é por isso que as pessoas investem tanto e vêm de outros países, enquanto a gente não consegue nem investir em pesquisa para saber qual a importância dessas pedras, né?
Ricardo	Pois é. Você vê que... Eu nem sabia que tinha esse acontecimento. Certamente, os astrônomos e talvez geólogos, estudantes do ramo deviam estar a par dessa situação de que ia ter ou que teve essa queda de meteoritos nessa cidade, mas o pessoal que estava atrás de comprar para levar para fora do país chegou bem antes. Quando os pesquisadores chegaram a cidade já estava cheia.
Renata	Exatamente. Isso impede que tenha algum tipo de estudo por parte dos pesquisadores, mas também impede que os próprios moradores da





Biologia In Situ Podcast

	<p>cidade recebam algum tipo de alento, né, por que essas pedras são de propriedade da cidade, de propriedade no mínimo do estado, né? De Pernambuco, e agora a gente não sabe nem para onde foi, nem quem vai vender, quem vai comprar. Sem contar que são pedras que, segundo alguns pesquisadores disseram, elas datam da formação do sistema solar, então imagina a importância histórica, científica dessas pedras. É um absurdo a gente não ter nada que controle esse tipo de situação. Até porque essa situação não é tão incomum quanto parece quando a gente fala, quando a gente pensa.</p>
<p>[carro buzinando] [sirene tocando] [som sintético cortante] [pássaro cantando] [queda d'água]</p>	
<p>Ricardo</p>	<p>Genocídio indígena na era da COVID-19. Os povos indígenas são naturalmente mais vulneráveis a doenças vindas do continente europeu. Bom, é verdade que nenhum povo do mundo tenha imunidade contra a COVID-19, porém, ainda assim, os povos originários são grupo de risco por serem mais susceptíveis a infecções respiratórias no geral. Dentre as ameaças as terras e saúde dos povos indígenas estão a intensificação da invasão de garimpeiros, o desmatamento e a entrada de missionários cristãos nas comunidades, aumentando a circulação do vírus e o contato com as populações isoladas. Entre agosto de 2016 e julho de 2017, apenas 2% do desmatamento total da floresta amazônica ocorreu em terras indígenas. Este é apenas um indicativo de como os conhecimentos e práticas indígenas contribuem para a conservação e a sustentabilidade da natureza. Apesar dessa importância, durante a pandemia, o governo federal tomou medidas diretas e indiretas que colaboraram com a extração de minérios e ignorou dados de aumento do desmatamento. O projeto de lei 1.142 de 2020 apresentado pela deputada Rosa Neide do PT de Mato Grosso foi vetado parcialmente pelo presidente, o veto foi derrubado na câmara e finalmente foi transformado na lei ordinária 14.021 de 7 de julho de 2020, que dispõe sobre medidas de proteção social para prevenção do contágio e disseminação da COVID-19 nos territórios indígenas e nas</p>





Biologia In Situ Podcast

	comunidades quilombolas. Mais do que na hora de pensar nesses povos mais susceptíveis e menos amparados socialmente também, como uma proteção para eles. A lei foi aprovada e o que a gente espera agora é que ela seja posta em prática mesmo. Seja fiscalizada, né? Não fique só no papel.
Renata	Exatamente. Até porque a gente já tem os povos indígenas passando por umas situações muito intensas nos últimos anos e quem tem acompanhado essas questões nas redes sociais, nos sites de notícias tem visto que esse genocídio não é de agora, né? Esse genocídio vem acontecendo. Podemos dizer que vem acontecendo a centenas de anos enquanto realmente não houver uma legislação e uma fiscalização que faça jus a causa, né? Isso vai acontecer cada vez mais e sabe-se lá o que não vai acontecer com os povos que são donos dessas terras, né? Nós somos meros invasores.
Ricardo	Exatamente. A gente faz parte de um povo que é uma mistura entre os invasores e os originários, sendo que o que a gente tem de povo originário mesmo acabou se tornando muito pouca gente. A gente tinha aqui uma população de pouco mais de 5 milhões de indígenas, na época por volta de 1500. Depois da invasão europeia que foi uma invasão mesmo. Uma invasão, um genocídio por parte de Portugal, Espanha e Reino Unido também no continente americano.
Renata	E há quem chame de descobrimento.
Ricardo	Há quem chame de descobrimento, é verdade. Depois da invasão europeia, nós agora temos uma população aqui no Brasil de, por volta de 800 mil indígenas. Sendo que, a população brasileira ela foi aumentando milhões, aos milhões, aos milhões aumentando e a população de indígena de milhões diminuiu para menos de um milhão.
Renata	E a gente não pode esquecer, Ricardo, que por conta dessa miscigenação absurda o sangue deles também correm nas nossas veias, então é uma luta que também é nossa. A gente esquece disso porque às vezes está muito longe ou porque, às vezes, a gente não sabe, desconhece, às vezes nunca teve contato com esses povos que estão aqui a muito antes da gente, mas somos um povo miscigenado, então a gente tem que adotar essa luta como nossa.





Biologia In Situ Podcast

Ricardo	Exatamente. É de extrema importância que todo mundo se mobilize contra um genocídio que é o que tem acontecido e é o que está acontecendo de novo. Nunca deixou de acontecer com essa população.
Renata	Exatamente.
[carro buzinando] [sirene tocando] [som sintético cortante] [pássaro cantando] [queda d'água]	
Renata	<p>Médica é picada por cobra durante banho em cachoeira e passa dias em UTI no Mato Grosso. Nos últimos dias, a gente veio acompanhando o caso de médica que foi picada por uma cobra jararaca durante um banho em cachoeira. Por meio de um perfil de uma rede social, a família da médica publicou um comunicado informando que ela fazia um passeio em um dos pontos turísticos da região quando ocorreu o incidente. Já melhor de saúde, a própria médica postou um vídeo e fez <i>lives</i> nas redes sociais da mesma informando como foi a situação e o que realmente foi o incidente. A cobra despencou com a queda da água da cachoeira e atingiu a médica que estava logo abaixo. O vídeo foi gravado no momento do acidente mostrando a médica pedindo socorro, pedindo ajuda e, logo após, os amigos conseguiram o apoio para levá-la ao hospital. E, felizmente, tudo terminou bem porque ela já está melhor e não sofreu sequelas.</p> <p>A gente tem visto, Ricardo, que situações assim acontecem cada vez mais porque as pessoas estão cada vez mais explorando a natureza e eu acho isso particularmente maravilhoso, acho que a gente realmente tem que se encontrar com a natureza. Eu sei você, assim como eu, ama passar um tempo no meio do mato. [risos] A gente é biólogo de campo, a gente gosta mesmo, e a gente já teve situações em algumas das nossas expedições na Serra da Canastra em que a gente deu de cara com cobras, deu de cara com jararaca, com... Nossa! Centenas de animais que são peçonhentos, mas a gente tem que entender que</p>





Biologia In Situ Podcast

quando a gente entra na natureza, a gente também está entrando no lar deles, então a gente não pode "demonizar" um animal dessa forma. O que eu acompanhei muito nas redes sociais - no *facebook*, principalmente, que é uma rede complicada [risos] - foi que as pessoas estavam falando muito mal da cobra em si, falando muito mal da jararaca, vi gente fazendo post desses animais mortos e dando risada, dando "haha", sendo que a gente tem que entender que esses animais não atacam seres humanos. A gente não faz parte da cadeia trófica desses animais, a gente não serve de alimento para esses animais. Então, se eles, de alguma forma, vêm a picar o ser humano é porque de alguma forma eles se sentiram indefesos, eles se sentiram ameaçados. O que eu achei mais interessante nas notícias que eu vi, pelo menos, correndo na internet, é que eles o tempo todo trataram como realmente um acidente. O que foi! Não foi um ataque de uma cobra jararaca a um ser humano, foi um acidente. Aquela coisa do lugar errado na hora errada. E a própria médica se pôs nesse cenário de um acidente e não de um ataque. Eu acho que as pessoas têm que ter essa consciência que é muito importante para a gente manter a integridade desses animais na natureza, né?! Se não, imagina! Se a gente for entrando trilha a dentro achando que tudo que está ali é um perigo... tem que ter um pouco de conhecimento.

Ricardo

Sim, sim! Eu achei muito bom, inclusive, essa médica ter falado no Fantástico, onde ela apareceu também, que o acontecido não diminui a aproximação que ela sente da natureza e que ela não vai deixar de frequentar uma cachoeira por causa do que aconteceu. É realmente isso, a gente não pode... É a gente que tá entrando no *habitat* desses bichos, né? A gente que não é daquele lugar, então a gente tem que ter um respeito e um cuidado maior. Eu não sei se você estava, Renata, em uma dessas ocasiões, mas duas vezes já, em que a gente chegou na Serra da Canastra, quando trabalhava lá, duas vezes a gente chegou e tinha uma jararaca pequena no tapete na porta do alojamento. Pequeninha. Enroladinha, assim... Devia ser filhote ainda! Perto de filhote. O que a gente fez? A gente pegou uma pá e uma vassoura, botou ela ali porque a gente não tinha equipamento próprio para mexer numa serpente mas, ainda assim, a gente tinha que tirar ela dali para a gente poder usar o alojamento. Para ela não ficar numa situação de risco para ela e para a gente. Então a gente pegou uma pá com uma vassoura, botou ela na pá e levou para soltar no meio do mato... Nas duas vezes em que isso aconteceu.





Biologia In Situ Podcast

Renata	Só para os bio-ouvintes entenderem um pouco a situação... O alojamento em que os pesquisadores ficam e em que a gente ficava lá, ele é meio que no meio do nada, literalmente cercado por mato, cercado por vegetação, tem uma cachoeirinha e um riozinho que passa por perto, então é muito comum que esses animais apareçam ali no alojamento. Já teve um caso em que fui tomar banho e aí tinha uma armadeira (aranha) no chão de "boaça"... assim, ela estava vivendo " <i>la vida</i> " [risos] e aí eu peguei ela com um copinho e coloquei para fora. É muito assim. São coisas que a gente passa e que faz parte, né.
Ricardo	Pois é! O alojamento fica dentro do parque, no caso, esse em que a gente trabalhava. Já é dentro do Parque, da área protegida. Tudo o que tem ali tem que ser preservado.
Renata	Exatamente. Só deixar um recadinho aí para os nossos bio-ouvintes, né, Ricardo?! De que se você não tem certeza se o animal é ou não peçonhento, não tente pegá-lo. Deixa o bicho vivendo a vida dele. Se você tiver algum tipo de conhecimento e souber como manejar aquele animal ou conhecer alguém que saiba, aí sim, você pede uma ajuda. Quem sabe para um amigo que conheça o bicho e que saiba identificar... Se precisar pedir ajuda. Mas toma cuidado para quem você pede ajuda porque, às vezes, a gente também acha que sabe e não sabe... Então, se você não tem certeza se aquele bicho pode te fazer algum mal, não maneja o bicho.
Ricardo	Exatamente.
Renata	É a melhor opção.
Ricardo	E se você for picado por uma cobra, por uma aranha ou um escorpião ou o que quer que seja, não tente, se você não tem, como a Renata falou, esse conhecimento de como manejar, não tente capturar o animal. Olha para o animal, tenta decorar as características, formato, cor, posição, tamanho. É... se for uma serpente, por exemplo, se a cabeça dela tem o formato triangular... Tenta decorar estas características e corre para o hospital com essas características em mente.
Renata	Maior número de detalhes possível.





Biologia In Situ Podcast

Ricardo	Isso aí!
[carro buzinando] [sirene tocando] [som sintético cortante] [queda d'água] [pássaro cantando] [vento]	
Ricardo	<p>"Não tem nada fixo e não sei como vai ser amanhã", diz biólogo com pós-doutorado no Reino Unido. Um biólogo, cujo nome não precisa ser ainda mais exposto aqui, deu um depoimento para a BBC Brasil sobre os altos e baixos da sua carreira. Mesmo sendo mestre e doutor em Zoologia pela Universidade Federal do Paraná e tendo pós-doutorado na Universidade de Durhan, no Reino Unido, dez anos de formação, pesquisas de Iniciação Científica e bolsa CNPQ, mesmo depois de tudo isso, o profissional não consegue se manter financeiramente apenas com a atuação acadêmica. Ele segue mesclando as aulas que consegue dar com bicos diversos como barman, professor de surf, figurante de cinema e modelo, entre outros. Uma fala marcante dele é a seguinte: "Uma subutilização de tanto investimento, tanto dinheiro público, tanto tempo e dedicação para se formar um cientista que vai para outra atividade porque não tem inserção no mercado. É horrível pensar que todo esse investimento não serviu para nada.". É, bio-ouvinte, a realidade da pessoa cientista no Brasil é bem difícil. Uma pessoa com bastante treinamento pode ficar num limbo, numa falta de espaço, falta de emprego mesmo, indefinidamente. Por isso, lembre do que você pode fazer para ajudar a ciência e o progresso do país. Vote em quem valoriza a ciência, não em quem ataca e desmancha a ciência.</p>
Renata	Exatamente. A gente tá numa situação muito complicada em que os biólogos deveriam estar sendo cada vez mais necessários, né? Cada vez mais... o trabalho tá fazendo uma divulgação importante para a comunidade em época de COVID, de incêndios catastróficos pelo





Biologia In Situ Podcast

Pantanal, pela Amazônia, e no meio disso tudo a gente tem uma notícia que é bem complicada para a gente que é biólogo, para a gente que sabe a importância dos nossos biomas, da grandiosidade dos biomas brasileiros.

O Pantanal teve em agosto o segundo maior número de queimadas de sua história, desde o início do monitoramento pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o INPE, que faz este monitoramento desde de 1998. O ano de maior registro, até então, foi 2005. Nesta época do ano, a região vive seu período seco, mas mesmo em janeiro - na estação úmida - em 2020 choveu pouco. As chuvas, por terem sido mal distribuídas ao longo do mês, também prejudicaram o bioma porque a água que vinha após longos períodos de seca, não era suficiente para encharcar o solo. No meio disso tudo, nós ainda temos que acompanhar nos últimos meses a luta pela sobrevivência da onça-pintada, o maior felino das Américas, em meio a essas queimadas históricas no Pantanal. Mas não só da onça, bio-ouvinte, de muitos outros animais que estão em risco de extinção e tiveram seus territórios devastados pelos incêndios atuais. E um exemplo muito crítico é o da arara-azul, que veio tendo todo um projeto de reintrodução na natureza após ter um declínio nas suas populações muito grave nos últimos anos, nas últimas décadas. A população cresceu. E agora o seu santuário foi destruído e... Nossa, fico emocionada. [risos nervosos] É uma situação muito pesada que a gente tá passando e que a gente precisa do maior apoio possível porque a gente enquanto biólogo, a gente... Ai, meu Deus, eu tô ficando emocionada de verdade, Ricardo. [risos nervosos] [respiração profunda]

Ricardo [risos] Tudo bem, tudo bem. É uma coisa pesada mesmo. É, uma situação terrível. A gente tá vivendo uma situação catastrófica mesmo. É pesada.

Renata E mesmo assim a gente vai vendo como a gente tá sendo sucateado, como a ciência tá sendo sucateada, como a gente tá sendo minimizado frente a uma situação tão grave. A gente tá vendo pessoas da área que tão abandonando suas famílias, saindo de seus lares de outros estados pra correr, pra tentar fazer alguma coisa pelo pantanal, outras pessoas estão criando vaquinhas, fazendo o que podem pra gente tentar controlar uma situação que tá crítica, que tá triste e que a gente precisa de muito, muito apoio nessa hora. Porque assim, se a gente parar pra pensar todas as notícias que a gente trouxe até agora vêm mostrando como que a ciência tá sucateada no Brasil e isso não é algo aceitável,





Biologia In Situ Podcast

	não é algo aceitável. Então, a gente tem que lutar pela ciência, tem que lutar de verdade, porque, assim, o Brasil tem uma riqueza de biodiversidade absurda, mas a gente não sabe por quanto tempo.
Ricardo	Pois é. O modo como a ciência vem sendo desmanchada e tratada no nosso país deveria ser considerado um crime de lesa à pátria, por parte das autoridades que estão fazendo esse desmanche, essa... esse total descaso com a ciência brasileira. Isso impede o progresso do país. E esse programa, ele tá indo ao ar um pouco depois da reunião da ONU, onde o Brasil, como sempre, abre com o discurso presidencial, e novamente o discurso foi de total defesa. De que outros países já exauriram seus recursos naturais, não tem mais nada pra explorar e nisso fizeram sua riqueza e seu desenvolvimento e agora querem impedir que o Brasil se desenvolva, com o discurso que nós estamos fazendo que eles já fizeram. Cavando bem, você até acha um pouco de verdade nesse discurso no sentido de que os países europeus gastaram sim seu ambiente natural e se desenvolveram bastante em cima dessa exploração, porém, a real intenção do discurso é camuflar a realidade atual, esconder o que não tá sendo feito, o que tá sendo feito contra o meio ambiente no nosso país recentemente. Aproveitando a deixa do assunto, eu quero indicar aqui os últimos episódios que saíram dos podcasts Desabraçando Árvores e do Anticast. O Desabraçando Árvores de número #51 chamado Pantanal em chamadas, eles deram um espaço justamente pra quem tá na linha de frente fazendo pesquisas e regastes lá no pantanal; e o Anticast de número #449 se chama Brasil em chamadas e é uma entrevista com a Marina Silva, nossa ex-ministra do meio ambiente. Então Anticast e Desabraçando Árvores, procure no seu agregador de podcasts.
Renata	Exatamente. E no meio disso dizer que o Brasil está de parabéns na defesa do meio ambiente parece uma afronta, parece...
Ricardo	Um discurso mentiroso.
Renata	Piada, sabe. É muito triste.
Ricardo	De início ao fim um discurso mentiroso, em todas as áreas e em todos os tópicos que abordou, um discurso mentiroso, não tem outra palavra. Tem outras palavras, piores.





Biologia In Situ Podcast

Renata	[risos] É rir pra não chorar, né, querido. [risos]
Ricardo	É. No meio de uma situação dessas a gente ainda tem propagação de <i>fake news</i> mostrando imagens de brigadistas botando fogo dizendo que os brigadistas, funcionários públicos, estão botando fogo nas matas. E aqui, cabe explicar, bio-ouvinte (bioleitor), que quando você ver uma imagem de alguém com roupa do CMBio, do IBAMA, um brigadista com pinga-fogo no mato, botando fogo em alguma área, isso é uma técnica de combate de fogo utilizando fogo. Se chamam aceiros negros. O aceiro é uma área em que você retira a vegetação justamente pra quando o fogo chegar ali, ele não encontrar mais combustível e dali ele não passar. Um aceiro negro é quando você retira essa vegetação com fogo. Então os brigadistas fazem uma faixa queimada de poucos metros ali dependendo do, da intensidade que o fogo vai chegar, uma faixa de 10 a 15 metros de largura e essa faixa é queimada, e dali se o fogo vier tanto de um lado quanto do outro da faixa, ele não passa daquela faixa. Isso é um método de combate ao fogo, não é o brigadista botando fogo nas matas.
Renata	E é um método que tem muitos estudos e não é utilizado só no Brasil, mas em muitos países. Nos Estados Unidos ele é utilizado, na Austrália, e ele vem mostrando né uma eficácia absurda. Já é um método utilizado a alguns anos é no cerrado brasileiro, ele não funciona pra todo tipo de floresta, mas funciona muito bem aqui no cerrado, e a gente vem vendo que tem tido, tem surtido um efeito muito positivo nas épocas de queimada né, então, vai da gente também apoiar, né, essas iniciativas de controle de incêndios, porque realmente época de seca é uma época muito crítica em que o cerrado, o pantanal e também a amazônia sofrem muito. E não acreditem, gente, floresta úmida também queima.
Ricardo	E é nesse tom de revolta que nós encerramos o nosso primeiro bionews, o programa onde você vai ouvir sobre as informações mais relevantes ligadas a Biologia! Mas não vai embora não bio-ouvinte (bioleitora), porque a gente ainda tem alguns recadinhos pra dar pra você.
[trilha sonora de fundo]	





Biologia In Situ Podcast

Ricardo	Muito bem, bio-ouvinte (bioleitora)! Nós temos alguns recadinhos rápidos pra dar pra você. Primeiro é a convocação! Estamos aqui abertos a sua participação no Biologia In Situ. Se você tem algum trabalho, atividade de extensão, alguma atividade que você já fez ou tá fazendo agora, um artigo publicado, um tema que você se especializou mais, qualquer coisa ligada à Biologia que você queira divulgar, queira falar sobre, manda um e-mail pra gente no cartinhas@biologiainsitu.com.br . Ou entra em contato com a gente nas nossas redes sociais, no Instagram e Facebook no @biologiainsitu ou no Twitter no @bioinsitu . Nós também temos um canal do Youtube, não temos, Renata?
Renata	Isso! Nós temos um canal do Youtube, mas ele ainda não está ativo. De qualquer forma a gente pede que vocês se inscrevam e deem suas opiniões, suas sugestões para que a gente possa trazer alguns conteúdos bem bacanas por lá pra vocês. Por enquanto, a gente pede que vocês se inscrevam para que a gente possa pelo menos mudar.
Ricardo	Sim, exatamente! Pra gente poder botar um link direitinho, youtube.com/biologiainsitu , ficar uma coisa bonita. E pra isso bio-ouvinte (bioleitora), você entra aqui no link do post desse episódio no nosso site, biologiainsitu.com.br , na descrição vai ter o link do canal do Youtube.
Renata	Isso mesmo.
Ricardo	Você entra lá e se inscreve, por favor. Uma outra novidade que nós trazemos aqui é que a dona dessa voz que você escuta todo início de episódio, é a nossa querida cafeína do podcast Papo Delas, ela é nossa madrinha oficial do Biologia in Situ. Desde o início do projeto ela abraçou a nossa causa, editou os nossos primeiros episódios, deu várias dicas pra gente, sem ela acho que a gente estaria perdido aqui até hoje sem saber no que fazer em muitas áreas do podcast e ela aceitou ser a nossa madrinha, olha só. Então, nós temos uma madrinha, madrinha dos bio-ouvintes (e bioleitoras), a cafeína. Beijo, cafeína!
[aplausos]	





Biologia In Situ Podcast

Ricardo	Nós temos uma madrinha e além disso nós também temos... espaço! Se você bio-ouvinte sabe de algum evento científico, aula online, palestra, simpósio, congresso que esteja acontecendo, manda pra gente pelas nossas redes sociais ou pelo nosso e-mail que a gente dá espaço aqui, a gente divulga, a gente ajuda a chamar mais atenção pro seu evento.
Renata	E além disso, a gente tem que deixar claro pra vocês que se você tiver interesse, todos os áudios estão transcritos no post no site www.biologiainsitu.com.br . Lá você consegue encontrar a transcrição de cada um dos nossos episódios.
Ricardo	Exatamente! E pra finalizar, nós temos uma correção, uma errata bio-ouvinte (bioleitora), pra fazer. Sobre o podcast Bio na Prática número dois, com a Cristianne Santos, que faz parte aqui da nossa equipe. Ela passou o contato dela, só que ela passou o e-mail errado, então, vamos aqui corrigir. O e-mail de contato pra você falar com a Cristianne sobre tolerância à dessecação de sementes ou botânica no geral ou outro assunto que você queira perguntar pra Cristianne é cristianne@academico.ufs.br , cristianne@academico.ufs.br . E é isso, são esses os recadinhos que a gente tinha pra vocês... Mas peraí! Ainda não vai embora não! [risos] Bio-ouvinte (bioleitora), a gente ainda tem uma última surpresa pra vocês hoje! Esse é o programa Bionews, estreia das nossas notícias. Mas também é a estreia do nosso quadro de Biocartinhas! Agora nós também leremos os bilhetes, as cartinhas, os <i>post-its</i> , tudo que vocês mandarem na nossa caixa postal, no nosso cartinhas@biologiainsitu.com.br . E aqui nós vamos começar lendo três, Renata, três mensagens que nós recebemos aqui. Três cartinhas sobre os programas que foram ao ar.
Renata	Tô curiosa, tô curiosa, Ricardo! [risos]
Ricardo	Primeiro, nós temos sobre o primeiro episódio, sobre o Biologia In Situ número um: o real, o beija-flor e o naturalista. Nós temos uma mensagem aqui de Fátima Gomes, o assunto é: "Muito bom!". Gostei já. Ela diz:





Biologia In Situ Podcast

Renata	[risos]
Ricardo	"Que trabalho bonito! Gostei muito! Continue sempre assim, meu filho. Beijos da mãe!" É, no caso, foi a minha mãe que escreveu esse e-mail pra gente mas eu acho que vale, né?
Renata	Eu achei válido! Eu acho válido.
Ricardo	É... Vale, vale.
Renata	[risos]
Ricardo	Vamos contar. Segundo e-mail! Nós temos aqui sobre o Bio na Prática com a Cristianne, esse que a gente acabou de falar nos recadinhos. E é do nosso bio-ouvinte (bioleitor) Gerivaldo Ramos Ut! Nome... diferente, né? O assunto é: "Seus maníacos!". Meio agressivo, eu achei, mas, tudo bem. Ele diz: "Não sei que tipo de mensagem vocês querem passar mas achei um absurdo o que essa tal de Cristianne disse num dos episódios! Ela admite com todas as palavras que pratica tortura constante de seres vivos! Onde já se viu botar a plantinha pra queimar, depois molhar, depois pra queimar de novo e ainda fazer desse ciclo monstruoso uma área de trabalho? Torturadores de plantinhas! Qualquer um com pingo de humanidade verde vai deixar de ouvir esse podcast junto comigo agora!". E ele finaliza aqui de um jeito estranho e diz: "Eu sou G.R.Ut!". Tudo bem, Gerivaldo.
Renata	[risos] Eu adorei "humanidade verde". [risos]
Ricardo	A gente tá sempre aprendendo, né, coisas novas.
Renata	[risos]
Ricardo	E a nossa última mensagem é dela Fernanda Aisha Klein Esteves, ela manda uma cartinha sobre o Bio na Prática um com a Anna Fernandes, onde a gente conversou sobre sexualidade e o tabu sobre os corpos reais. Ela diz aqui: "Adorei o programa com a Anna! Gostaria de tirar uma dúvida com ela mas não tenho Instagram. Podem me passar o Whatsapp dela?". Olha, Fernanda, não. Whatsapp é uma coisa pessoal,





Biologia In Situ Podcast

	né, e se não foi o contato que ela passou pra entrarem em contato com ela durante o programa, a gente não tá autorizado a passar não. Então, desculpa aí. Faz uma conta no Instagram...
Renata	Mas eu tenho certeza que ela passou e-mail e que você consegue entrar em contato por lá.
Ricardo	É, ou isso. Você deve ter um e-mail, né? Por favor...
Renata	[risos]
Ricardo	Bom, é isso! Renata, o que que você achou das nossas cartinhas?
Renata	Ah, gente, tô muito contente com a interação. Quero mais, quero mais!
Ricardo	Então, pra onde o bio-ouvinte (bioleitor) pode mandar o e-mail, a cartinha dele pra gente ler aqui?
Renata	Vocês podem entrar em contato pelo cartinhas@biologiainsitu.com.br ...?
Ricardo	[risos] Exatamente!
Renata	[risos]
Ricardo	[risos] Peguei no pulo e ainda assim ela soube responder, maravilha! Tá, tá completamente por dentro do podcast! Isso que é produtora!
Renata	Olha aí.
Ricardo	[risos] Você também pode fazer contato com a gente, bio-ouvinte (bioleitora), nas nossas redes sociais. No Twitter no @bioinsitu e no Instagram e Facebook no @biologiainsitu. Você também pode nos apoiar, entrando no Apple Podcasts, deixando um comentário e deixando, também, cinco estrelas pra gente. Ou, se você puder, no padrim.com.br/biologiainsitu . Ou pode procurar a gente também no Picpay, aquele aplicativo verdinho que serve como uma carteira virtual,





Biologia In Situ Podcast

	no @biologiainsitu ou no picpay.me/biologiainsitu. Tanto no Picpay quanto no Padrim nós temos faixas de apoio que começam de apenas um real. Ou seja, cabe no bolso de todo mundo! Então, muito obrigado bio-ouvinte (bioleitora) por nos acompanhar em mais essa estreia. Tchau, tchau, Renata!
Renata	Tchau, tchau, gente! Até a próxima!
Ricardo	Até a semana que vem!
[carro buzinando] [sirene tocando] [som sintético cortante] [queda d'água] [pássaro cantando] [vento]	

